

CATELAN, Fernando Bueno. **Performance como possibilidade estética de romper com a consciência dominante**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Doutorando do programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes– UNESP; Orientadora Carminda Mendes André.

RESUMO: Este trabalho apresenta uma experiência de estudos sobre a performance realizado durante a disciplina eletiva “Performatividades: onde as artes se misturam” com estudantes do ensino médio de um colégio privado, na cidade de São Bernardo do Campo – SP. Durante a pesquisa foram observadas as dimensões políticas da forma estética, como próprio da arte, conforme o pensamento de Herbert Marcuse (2018), o qual ainda aponta que a arte é autônoma perante as relações sociais e, por isso, transcende a consciência dominante e revoluciona a experiência. As ações de práticas artísticas, utilizadas nesta experiência, são apoiadas nas investigações da pesquisadora e performer Professora Denise Pereira Rachel (2013). Ela propõe em seu trabalho um espaço de troca de saberes e fazeres artísticos por meio da experiência e do levantamento das potencialidades e desejos dos envolvidos e envolvidas, pois, desta forma, abrem-se espaços para outras possibilidades de relações, o que leva os alunos e alunas a se tornarem os propositores da criação artística.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Transgressão. Política. Arte/educação.

ABSTRACT: This paper presents an experience study of performance performed during the elective discipline "Performativities: where the arts mix" with high school students from a private school in the city of São Bernardo do Campo – SP - Brazil. During the research were observed the political dimensions of aesthetic form, as proper to art, according to the thought of Herbert Marcuse (2018), who still points out that art is autonomous before social relations and, therefore, transcends the dominant consciousness and revolutionizes the experience. The actions of artistic practices, used in this experiment, are supported by the investigations of researcher and performer Professor Denise Pereira Rachel (2013). She proposes in her work a space for the exchange of artistic knowledge and doings through the experience and survey of the potentialities and desires of those involved and involved, because in this way, she opens spaces for other possibilities of relationships, which leads the students. and students to become the proponents of artistic creation.

KEYWORDS: Performance. Transgression. Politics. Art/education.

Introdução

Herbert Marcuse em um dos seus últimos livros “A dimensão estética” (2018) nos diz que “«a autonomia da arte contém o imperativo categórico: as coisas têm que mudar»” (p.22). A arte carrega em si a transgressão na medida

em que os processos criativos, muitas vezes, são motivados em romper com padrões estabelecidos na arte e na sociedade.

Nesse sentido este trabalho apresenta uma experiência de ensino e aprendizagem que caminhou na direção de questionar os padrões, que chamamos aqui de “consciência dominante”, por meio da experimentação artística da performance.

A pesquisa foi desenvolvida com uma turma de ensino médio, de um colégio particular¹, na cidade de São Bernardo do Campo (SP), durante o segundo semestre de 2019. A disciplina foi oferecida em formato eletivo, ou seja, os alunos e alunas das primeiras e segundas séries poderiam escolher quais disciplinas queriam cursar. Como os/as participantes escolheram essa disciplina, iniciamos as aulas com a compreensão de que eles estavam previamente interessados sobre o tema, uma vez que as ementas, de todas as disciplinas eletivas, foram divulgadas anteriormente para que as escolhessem de acordo com o interesse.

Realizamos 16 encontros, com duração de uma hora e meia por semana. Matricularam-se nesta disciplina 36 alunos e alunas, apenas 27 confirmaram a matrícula. Planejamos iniciar com abordagens teóricas para dialogarmos sobre as seguintes questões: O que é performance? Quais as bases para um ato performativo? Performance encaixa-se em alguma linguagem artística ou são todas elas misturadas?

Porém, já na primeira aula, a interação entre professor e alunas e alunos com a própria prática performativa, se apresentou como uma nova possibilidade de abordagem. Na mesma direção proposta pela Professora Naira Ciotti (2014), quando discute em seu trabalho, a ideia do híbrido Professor-Performer. No qual intenciona um lugar de criação artística entre todos/as envolvidos/as na prática de aula de arte: “a hibridação professor-performer propõe que o aluno seja produtor de arte. Neste contexto, ensinar é, acima de tudo, um processo de criação e experimentação” (CIOTTI, 2014, p.43).

¹ Optou-se por não identificar a instituição para garantir o anonimato dos participantes.

Também a Professora Denise Pereira Rachel (2013) entende que a ação do professor enquanto artista promove a criação artística entre todos e todas envolvidos/as na prática pedagógica.

A arte e o artista podem fazer-se presentes na sala de aula e promoverem uma resignificação deste espaço ao estimular e dar vazão ao desejo, ao sabor/saber estético, à multiplicidade de concepções que podem ser geradas a partir da práxis artístico-pedagógica (RACHEL, 2013, p. 34).

Ponto de Partida

As ideias que motivaram esse trabalho relacionam-se às compreensões existentes entre performance, transgressão e consciência dominante. Misturadas todas chegamos à questão: O ensino de arte, por meio dos processos de criação performáticos, possibilita a transgressão no sentido de questionar a consciência dominante?

Em primeiro lugar, devemos compreender o que estamos tratando como performance. Obviamente, é um campo com diversas abordagens e definições, as quais não são excludentes entre si, mas sim, somam-se em uma teia que nos permite percorrer e nos sustentar em diferentes caminhos.

Naira Ciotti abre uma possibilidade de abordagem ao entender que “a performance pode ser classificada como uma linguagem híbrida, na qual o pensamento artístico se movimenta através de elementos de linguagem sonora, visual e verbal, atualizando no corpo nas matérias, visíveis ou não” (CIOTTI, 2014, p.18).

Já, segundo Carminda Mendes André (2011) a performance também nos aponta para uma diferenciação em relação ao teatro dramático, uma vez que “a *performance* deixa de narrar para mostrar ações” (p. 84). Se a performance é um acontecimento que mistura diversas linguagens e se dá na ação, como ela é possível em um ambiente escolar que a priori prima pelo controle?

A Professora Denise Pereira Rachel nos fala sobre esse lugar de possibilidades que se abre para os contraditórios e para os mal-entendidos (dissenso); segundo ela:

a aula de performance assume um posicionamento arriscado em relação a outras possibilidades de práxis pedagógica, ao admitir que o espaço da sala de aula além de ser colaborativo, trabalha com a instabilidade e a produção de dissensos (RACHEL, 2013, p. 89).

É nessa direção que podemos chegar à segunda questão sobre a transgressão, que é elemento inerente à arte, principalmente, na performance. “O artista se apropria da performance num sentido de ruptura com padrões tradicionais da arte” (CIOTTI, 2014, p. 21).

A arte na escola é lugar de grandes debates sobre sua função e abordagens na educação. Partimos sempre do reconhecimento da necessidade do ensino e aprendizagem das artes, como elemento essencial para o entendimento de um sujeito integral. Porém, essa relação entre arte e escola ainda geram grandes conflitos, uma vez que a arte aponta para a transgressão e a escola para a adaptação. Ambas têm a finalidade educativa, mas com procedimentos diferentes.

A experiência artística oferece oportunidades para os indivíduos que o fazem inventores de si mesmos e inventores de suas finalidades. É fato que todo artista “original” transgrediu, de alguma forma, a matriz da linguagem artística da qual domina, contrariando regras e categorias consagradas, é desse modo que se apresenta como diferença. Nesse sentido, o exercício poético é, por sua natureza, a experiência da transgressão. Desse modo, se a arte, de fato, entrar na escola, ela não “ajudará a disciplinar”, não deixará os alunos mais calmos, não o adaptará ao convívio em grupo, não aceitará as regras sem que tudo isso seja colocado em discussão (ANDRÉ, 2008, p. 2).

A política, no que se refere à participação de todos e todas com suas diversidades, é o que deveria marcar o processo educativo e, assim, “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (HOOKS, 2017, p.56). Talvez o que Carminda, Naira e Denise estão dizendo é que a arte permite, na escola, um lugar que todos podem se manifestar.

Também, Herbert Marcuse nos diz que as relações políticas de transgressão da arte são como um fator que rompe com a consciência

dominante que aqui podemos entender como as crenças e os modos de vida de uma sociedade, moldados pela construção cultural e que ainda, nos dias de hoje, se mostram racistas, LGBTFóbicas, machistas,desiguais e classistas.

Vejo o potencial político da arte na própria arte, como qualidade da forma estética. Além disso, defendo que, em virtude da sua formação estética, a arte é absolutamente autônoma perante as relações sociais. A arte protesta contra estas relações na medida em que transcende. Nesta transcendência rompe com a consciência dominante, revoluciona a experiência (MARCUSE, 2018, p.9).

Sendo estas as bases de pensamento que nortearam a experiência, passamos para relatar algumas das aulas.

As Aulas

Nas primeiras aulas optou-se pela estratégia de vivenciar as ações performáticas em contraponto a realização de uma explicação sobre performance, já que o professor pode agir, também, artisticamente nas aulas como nos propõe Denise Pereira Raquel ao pensar o “professor-artista” (2013, p. 32) e Naira Ciotti com o híbrido “professor-performer” (2014, p. 59).

No primeiro encontro, a sala foi organizada de modo que as carteiras formassem um corredor no meio da sala, assim permaneceram duas fileiras de cada lado, voltadas para o centro da classe, deixando o espaço livre no meio. Uma organização do espaço próxima a proposta pelo teatro oficina.

A aula começou com a reprodução da emissão radiofônica de 1946 de Antonin Artaud: "*Pour enfinir avec le jugement de dieu*"². Enquanto os alunos e alunas entravam, o professor caminhava, de um lado para o outro, no corredor, formado pelas cadeiras, lendo partes da tradução em português da peça radiofônica que estava sendo reproduzida em francês, em sua versão original de Antonin Artaud. Ao adentrarem na sala, a reação dos alunos e alunas foi de adotarem uma postura corriqueira de início de aula. Porém, ao perceberem que algo estava acontecendo e que isso já fazia parte da aula, ficaram em silêncio, e começaram a prestar a atenção.

² Tradução: “Para acabar com o juízo de deus” - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EXy7lsGNZ5A>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Quando o professor terminou de ler o trecho em português da peça radiofônica, ele ainda leu um trecho do “Manifesto do Teatro do Absurdo”, de Antonin Artaud (1999) e, em seguida, a definição de performance do “Dicionário de Performance e do Teatro Contemporâneo” de Patrice Pavis (2017).

Deixou por mais um tempo tocar a emissão radiofônica e depois de desligar, perguntou: - “*O que é performance?*”. Ninguém respondeu. Então, exibiu o vídeo de John Cage apresentando “*Water Walk*”, em janeiro de 1960 – em um popular programa de TV³ da época. Novamente, o professor perguntou: - *O que é performance?*. Um aluno disse: “- *É arte?*”. Outro disse: “- *Algo estranho, sem sentido*”. Na sequência foi exibido outro vídeo com trechos do espetáculo *Paradise Now*, apresentado no Festival de Avignon (1968), pela companhia Living Theater⁴. E mais uma vez o professor perguntou: - “*O que é performance?*”. Uma aluna disse: “- *Algo que as pessoas participam*”. Nesse momento, o professor devolvia cada resposta com outras perguntas, até o momento que releu novamente a definição no dicionário e exibiu imagens de obras dadaístas para iniciar uma introdução ao que hoje chamamos de Performance.

Nenhuma indagação feita pelos alunos e alunas foi respondida pelo professor, pois se devolvia a pergunta ou eles faziam outras, de modo a os levarem a tirarem suas próprias conclusões.

Depois foi perguntado se os alunos e alunas tinham visto alguma performance ao vivo, apenas três levantaram a mão, mas não falaram quais. O professor mostrou algumas imagens e vídeos da performer Marina Abramović, que despertou a memória dos alunos e alunas para uma aula de literatura, que já tinham ouvido falar dela. Ainda, foram reproduzidos as imagens e os vídeos do Laboratório de Práticas Performativas da USP e do Desvio Coletivo⁵.

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXOIkT1-QWY>. Acesso em: 05 ago. 2019.

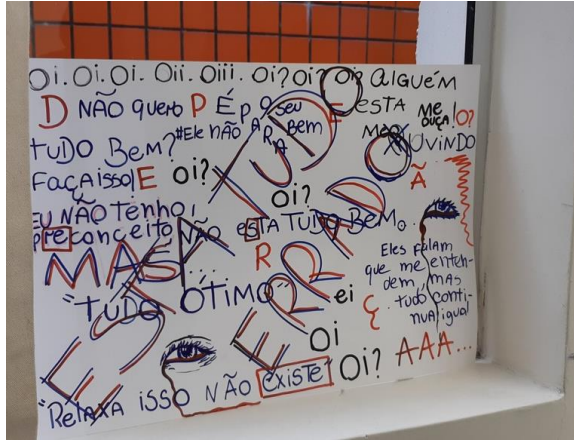
⁴Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7t_YE2hGy7M. Acesso em: 05 ago. 2019.

⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/user/desviocoletivo/videos>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Em outro encontro, os alunos e alunas entraram na sala e o professor já estava escrevendo no quadro, repetidas vezes, a frase: “*Copie sem pensar*” - como se estivesse em castigo e, ao mesmo tempo, explicitando o que, de alguma maneira, é a rotina de uma sala de aula tradicional. Ao terminar de completar a lousa o professor iniciou a leitura do texto: “A(S) REGRAS(S) 1”, presente na dissertação “Adote o artista não deixe ele virar professor” de Denise Pereira Rachel (2013, p. 68-69). Neste texto, a autora relata uma rotina de sala de aula tradicional em que a professora começa a escrever na lousa e um aluno questiona se é para copiar e outro responde: “*claro*”; ainda, o texto traz a imagem do panfleto distribuído, em 2005, pelo coletivo mineiro de intervenção urbana PORO, no salão de M.A.I.O., em que diz “ *siga sem pensar*”. O professor apropriou-se dessas referências para iniciar um debate sobre como abordar assuntos em performances que nos incomodam e que, de algum modo, são questionados na ação performativa.

Após a conversa, o professor propôs, aos alunos e alunas que utilizassem de folhas de tamanho A3 e canetões, para se expressarem como quisessem sobre algo que eles queriam dizer. Os alunos e alunas se espalharam pela sala e começaram a confeccionar seus materiais. Depois de prontos foi sugerido que eles/elas colocassem os trabalhos dispostos na sala, de modo a serem vistos como numa exposição. Após isso todos/todas passearam pela sala e escolheram um que mais lhes chamaram a atenção.

Fig. 01 – Alguns trabalhos de “algo a dizer”



Fonte: o autor

Cada um/uma comentou um trabalho, que escolheu, de um/uma colega. O/A autor/autora do trabalho não foi em nenhum momento solicitado/solicitada para explicar o que tinha a intenção de dizer, pois o objetivo foi estimular a livre interpretação e explicitar que não necessariamente o público observa o que o/a artista queria dizer, e ainda, se isso é bom ou ruim, mas compreender que faz parte do processo de criação e apreciação artística.

Chamou a atenção que uma aluna não participou dos momentos que se pediu para expor os trabalhos. Ela continuou desenhando seu trabalho, ignorando tudo que estava acontecendo a sua volta. Isso foi muito interessante e foi considerado pelo grupo como um ato performativo, o que levou o grupo a falar sobre esta ação.

Apesar de serem orientados a fazerem o que quisessem com os materiais disponibilizados os alunos e alunas preferiram, apenas, desenhar sobre o papel. Isso foi problematizado pelo professor e eles/elas próprios/próprias disseram que estavam acostumados/acostumadas a fazer

isso nas aulas de arte, o que nos fez retornar ao início da aula, quando foi provocado o pensamento sobre a rotina “imposta” de uma sala de aula.

Em outra aula as carteiras estavam espalhadas pela sala, sendo que todas estavam separadas em duplas, uma de frente para a outra. Na lousa estava escrito “se ver e ser visto” e ao fundo o som de “fogo, vento e útero” do aplicativo para celular “Sons para dormir”, programado para tocar por 30 minutos. Ao abrir a porta, os alunos e alunas entraram e o professor se dirigiu para sentar em uma das cadeiras. A princípio os alunos e alunas entraram como se procurasse um lugar para sentar, normalmente, para assistir uma aula; era possível ouvir uns guardando o lugar para os outros, talvez na expectativa de que teriam que fazer trabalho em dupla. Depois de um tempo perceberam que tinha uma proposta estabelecida.

Um aluno veio e sentou-se na frente do professor, eles se olharam brevemente, e o aluno, incomodado “rindo e se mexendo”, fez sinal para outro aluno se sentar em seu lugar. O outro aluno não conseguiu se conter e começou a rir - o que parecia uma competição de quem conseguiria segurar o riso por mais tempo. Em seguida este aluno se levantou e a cadeira em frente ao professor ficou vazia novamente. Depois de decorrido algum tempo sem ninguém se sentar novamente em frente ao professor, ele se levantou e foi em direção a uma cadeira vazia, em frente a outro aluno. Este estabeleceu uma conexão com o professor e ficaram se olhando por muito tempo, e como nenhum dos dois esboçava reação de se levantar, o professor sentiu a necessidade de interagir com mais alunos e alunas. Desta forma, levantou-se e sentou-se em frente a uma aluna; eles conseguiram estabelecer uma conexão com o olhar, mas ela não se moveu da posição que estava permanecendo - inclinada para o lado e com uma das mãos tampando a boca. Mais uma vez o professor se levantou e sentou-se em frente à outra aluna; nesta situação, não se pode perceber conexão entre eles, pois a aluna parecia que o olhava por trás dele e não para ele. A música terminou, depois de 30 minutos, e pode ser observado que durante esse tempo alguns alunos tentaram realizar o exercício de ficarem se olhando, mas isso ficou por pouco tempo, logo na sequência começaram falar. Relataram que tentaram ficar se entre olhando, mas que era

muito difícil e que, em seguida, começaram conversar. Alguns se sentiram incomodados, outros disseram que gostaram da proposta.

Ainda na perspectiva de exercitar o olhar e a possibilidade de se perceberem e perceberem o/a outro/outra, bem como notarem o que estavam a nossa volta, o professor propôs fazer uma “deriva” e, em seguida, explicou o que era. Todos concordaram e saíram pela escola observando os espaços e as pessoas neles, ainda, aqueles que quisessem poderiam tirar fotos. O combinado foi que no momento não se podia falar, apenas observar. No início, alguns alunos e alunas falavam, mas ao longo da deriva, foram entrando na proposta.

Retornamos a sala e conversamos. Alguns alunos e alunas disseram como era constrangedor ficar olhando para as pessoas como se estivéssemos invadindo a privacidade delas; outros/as disseram que tiveram olhares em perspectivas que nunca tinham tido, como ficar olhando para o intervalo no pátio dos alunos e alunas do 5º ano. Alguns/algumas disseram que nunca tinham andado por lugares que fomos e que observaram detalhes que não tinham antes reparado.

Esses são os relatos de alguns dos 16 encontros. Os últimos encontros foram dedicados para as apresentações das ações performativas propostas pelos/as alunos/alunas, que serão apresentados a seguir.

As ações propostas

As três primeiras ações propostas pelos alunos e alunas estavam relacionadas ao tema trabalhado pela escola, no mês de setembro, que se tratava sobre o “setembro amarelo” - uma ação de conscientização sobre o que é a depressão e a prevenção ao suicídio.

Na primeira, um dos alunos se sentou em uma das mesas do pátio com uma placa que dizia: “desabafe aqui”, e se propôs a ficar lá ouvindo, sem dizer nada, o que as pessoas quisessem falar. Na segunda, uma aluna também ficou em uma mesa do pátio escrevendo e desenhando bilhetes e, quando

terminava, se levantava e procurava uma pessoa para entregar, depois voltava e confeccionava outro bilhete.

Fig. 02 – Ação “desabafe aqui” e “bilhetes”



Fonte: o autor

A terceira proposta sobre esse mesmo tema foi a de um aluno e duas alunas, que ficassem na escada do pátio, enrolados por uma linha de um barbante, e com um cartaz que dizia “conecte-se”. Aos poucos foram chegando algumas pessoas que sentiram necessidade de caminhar pela escola, o que fez com que várias pessoas se conectassem ao grupo; chegaram a entrar em algumas aulas e até o diretor da escola e alguns professores participaram da ação.

Fig. 03 – Ação “conecte-se”



Fonte: o autor

Em outro encontro um grupo de alunos e alunas propuseram que todos e todas da turma saíssem pela escola dando abraços em todos os funcionários do colégio, pois segundo o grupo essas pessoas eram tratadas como se fossem invisíveis. Após a ação, os alunos e alunas relataram que os funcionários ficaram surpresos com os primeiros abraços e que eles tinham gostado muito de terem recebido esse carinho.

Duas ações tiveram como temática a condição das mulheres na sociedade. Em uma, as/os alunas/alunos colocaram uma boneca na frente da sala e pediram para que quem quisesse escrever, em um post-it, escrevessem como as mulheres são tratadas pela sociedade. Chamaram essa ação de “rótulos”, que rendeu um longo debate sobre como as mulheres são rotuladas pela sociedade.

Fig. 04 – Ação “rótulos”



Fonte: o autor

A segunda foi uma ação em que a aluna ficou no centro da sala, com elásticos amarrados nos braços e nas pernas, e depois dela permanecer algum tempo parada, algumas alunas se levantaram e começaram a manipular a colega, puxando os elásticos. Ela denominou essa ação de “controle” e, ao final, fez uma fala que vai em direção aos objetivos desse trabalho.

A sociedade que está a nossa volta nos molda e nos leva a agir, a pensar e a ser de certas formas. Mas a questão é que, por um tempo eu pensava que a sociedade estava me controlando o tempo todo. Então, agora, estou me libertando da sociedade, fazendo com que ela não me controle mais, tentando olhar para mim e para o que me faz bem, assim tentando repelir todas essas cordas amarradas que nos fazem sentir aprisionadas (aluna-performer da ação “controle”).

Outras ações partiram para o questionamento sobre as estruturas pedagógicas que são usadas como instrumento de controle. Um grupo propôs fazer uma prova para que os professores e as professoras do ensino médio respondessem; a ação chamou “prova de vida”, a maioria aceitou responder as questões que se direcionavam para perguntas sobre seus sonhos e objetivos ao longo de suas vidas.

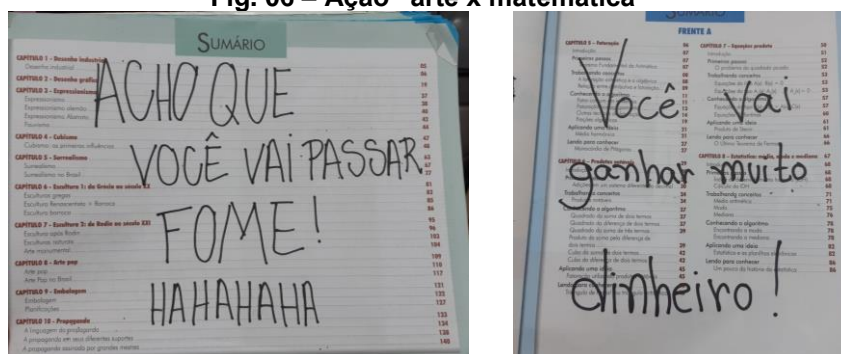
A última ação dizia da pressão em colocar as escolhas dos cursos superiores para áreas tidas como “estáveis” e, ainda, questionaram as escolhas de profissões que fogem ao padrão de carreira de “sucesso”. Como é o caso dos alunos e alunas que escolhem fazer arte na faculdade. A ação foi feita em dois livros didáticos: um de arte e outro de matemática; em cada uma das páginas os alunos e alunas escreveram frases, como comentários, direcionadas as pessoas que lessem os livros, pressupondo que aqueles que lessem os livros de matemática serão os interessados em seguir a carreira de exatas, bem como os interessados em cursos relacionados a artes leriam os comentários escritos no livro de arte. Para a leitura das frases, o leitor do livro precisava virar as páginas ao mesmo tempo, pois as frases se relacionavam.

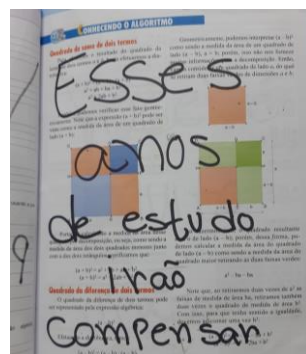
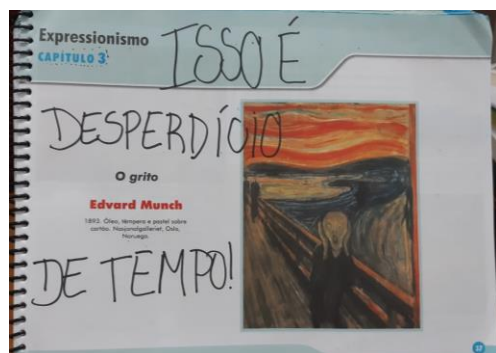
Fig. 05 – Transcrição da ação “arte x matemática”

Livro de arte	Livro de matemática
Acho eu você vai passar fome! HAHHAHAHA	Você vai ganhar muito dinheiro!
Mas você não sabe fazer contas?	Você é um gênio!
Não é muito arriscado?	Vai ter a vida ganha!
Já pensou em fazer medicina?	Você será um excelente médico
Mas é matemática que te passa no ENEM	Vai estourar no ENEM
Arte não serve para nada!	Matemática é essencial!
Quem não passa em artes?	Só os gênios passam em matemática
Qualquer um consegue!	Nem todos conseguem
Van Gogh era um louco!	Einsten era um gênio
São apenas rabiscos	Tem que ter muito raciocínio
Você não vai ser alguém na vida!	Você tem muito futuro
Isso é para os fracos	Só os fortes conseguem
Nem precisa de faculdade!	Certeza que vai fazer USP!!!
Até uma criança consegue!	Você tem uma cabeça muito avançada
É só assistir tutorial no youtube	Isso requer anos de estudo
Isso não vai mudar a vida de ninguém	Você vai salvar muitas vidas
Desistiu de ser alguém na vida?	Você tem bons planos pro futuro
Isso é desperdício de tempo!	Esses anos de estudos irão compensar
É o caminho mais fácil	Você é muito corajoso!
Não deixe a sociedade te cegar faça o que você ama	

Fonte: as alunas

Fig. 06 – Ação “arte x matemática”





Fonte: o autor

Considerações

A arte, em particular a performance, abre espaço para que os questionamentos aconteçam, e acredito que é isso que Marcuse fala quando afirma que:

A arte empenha-se na percepção do mundo que aliena os indivíduos da sua existência e actuação funcionais na sociedade – está comprometida numa emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão em todas as esferas da subjectividade e da objectividade. A transformação estética torna-se um veículo de reconhecimento e de acusação (MARCUSE, 2018, p.19).

A mudança cultural para um convívio que respeite as diversidades só é possível se a consciência dominante, que quer padronizar o comportamento de todos e todas, for questionada. Nesse sentido, a arte/performance na escola tem um papel fundamental uma vez que:

A ação poética da linguagem da performance pode promover aberturas que possibilitem a emancipação em relação a modelos impostos pelo ordenamento da sociedade espetacular/disciplinar, que se instaura na contemporaneidade. Esta linguagem pode acessar a potencialidade transgressora de uma práxis pedagógica descomprometida com a política dos resultados, do produto em detrimento do processo (RACHEL, 2013, p.128).

A performance, como pudemos observar nesse trabalho, possibilita a abertura para que haja denúncia de situações de opressão dos sujeitos e de injustiças em uma sociedade. Ao mesmo tempo, ela permite a anunciação de outras formas de relações e convívios possíveis com mais liberdade.

Referências

ANDRÉ, Carminda Mendes. Escola é lugar para artes? *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CIOTTI, Naira. **O professor-performer**. Natal: EDUFRRN, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 2018.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de performance e do teatro contemporâneo**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor**: reflexões em torno do híbrido professor performer. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.